

Gustavo Hofman
Leonardo Bertozzi

AMOR, SEXO E TRAIÇÃO
— nas —
COPAS



Table of Contents

APRESENTAÇÃO

ESPOSAS, NAMORADAS, AMANTES E CONHECIDAS

Por uma loira

O craque e a fera

A estrela não tão solitária assim

Voltando às Copas do Mundo...

Artilheiro no campo e fora dele

Ah, Paola! Ah, Moreno!

Ela tirou Romário da concentração

Big Brother na Copa do Mundo de 1998

A revolta da esposa

Pelo bem dos maridos

Esposa ou amante na Copa do Mundo?

The best friend

Um caso de amor jornalístico

La cantante y el jugador

Um celular entre os seios

Gosto por animais

TRAIR E COÇAR

Menor de idade

Vício em gols e sexo

Do boato ao título

Na dúvida, vai embora o pior

O triângulo Renato, Telê e Leandro

Aprontou demais, perdeu o Mundial

A culpa foi dos filmes

Cansaço provocado pela... atividade sexual

Um bordel e 99 chibatadas

Algumas revistinhas para “leitura”

Use camisinha!

Nem todos param para ver a Copa do Mundo...

A invasão que não aconteceu

Escândalo na França

Triângulo amoroso belga

Fernanda Lima × Irã

Polêmicas à vista

CONCENTRAÇÕES

Fazer ou não fazer sexo na concentração, eis a questão

Para aliviar a tensão

A sabotagem alemã

Uma festa brasileira na Suécia

Pagaram caro

Chuteiras e uma boneca inflável

Sexo permitido, mas sem acrobacias

Férias coletivas para não enfrentarem os ganhões italianos

AUTORES

APRESENTAÇÃO

Hoje em dia o sexo está presente nas páginas dos jornais, em qualquer grande portal na internet e diariamente nas novelas. Não é mais tabu, como era no início do século passado. Mesmo assim, muitos ainda tratam o tema com hipocrisia.

Imagine, então, nas Copas do Mundo de futebol! Lá no início, em 1930, quase ninguém tocava nesse tema. Hoje, já se fala até mesmo sobre o assunto na Copa do Mundo de 2022, no Catar, e como o país muçulmano lidará com isso! São novos tempos, mas alguns costumes permanecem os mesmos.

Fomos atrás de histórias curiosas envolvendo sexo e Copa do Mundo. Conversamos com jornalistas do mundo todo para conhecer casos que ficaram restritos a jornais locais. Pesquisamos o assunto nos mais variados sites e nas mais variadas línguas. Reunimos tudo o que encontramos nas próximas páginas e dividimos em três grandes capítulos: “Esposas, namoradas, amantes e conhecidas”, “Trair e coçar” e “Concentrações”.

Histórias como a do goleiro uruguaio, bicampeão olímpico, que não jogou o Mundial por causa de uma loira; do craque italiano, bicampeão mundial, que amava os bordéis; da seleção que permitiu sexo na concentração, mas sem acrobacias; das mulheres que organizaram um calendário para poupar os maridos de críticas; do belga que queria levar uma boneca inflável para o torneio; da mulher brasileira responsável por manter a concentração proibida para esposas; das brigas conjugais do maior jogador holandês de todos os tempos; das celebridades e seus namorados no futebol.

Não faltam detalhes para serem contados. Detalhes que, de certa maneira, já ajudaram até mesmo seleções a ficarem com taças. É um livro de curiosidades, mas também de histórias do futebol.

ESPOSAS, NAMORADAS, AMANTES E CONHECIDAS

Por uma loira

Para muitos, Andrés Mazali é o maior goleiro da história do futebol uruguaio. Nasceu em 22 de julho de 1902 e, no final dos anos 1910, já conquistava seu primeiro título uruguaio com o Nacional, em 1919 – o primeiro de cinco em sua gloriosa carreira, que teve muito brilho também na Seleção Uruguaia. Com a Celeste, foi tricampeão da Copa América (1923, 1924 e 1926) e titular do histórico bicampeonato olímpico, em 1924 e 1928.

Mas... e a Copa do Mundo de 1930?

Mazali estava em forma, com apenas 27 anos e em plena atividade. No entanto, ficou fora da lista final elaborada pelo técnico Alberto Suppici, preterido por Enrique Ballestrero e Miguel Capuccini. A explicação passa pela fama, confirmada na prática, de mulherengo.

Além de ídolo no futebol, Andrés Mazali era herói nacional. Já como jogador do Nacional, ele foi campeão sul-americano nos quatrocentos metros com barreira em 1920 e, três anos depois, era um dos jogadores do Sporting, campeão uruguaio no basquete.

Era um atleta espetacular, logo, com grande forma física. Nas primeiras décadas do século passado o sexo ainda era tratado como tema tabu, mas, se Mazali vivesse atualmente, ele seria, sem dúvida alguma, um “sex symbol”.

Isso, aliado ao seu desejo incontrolável de, digamos, se relacionar com mulheres, acabou prejudicando a sua carreira esportiva. Às vésperas do Mundial de 1930, surpreendentemente, o goleiro foi cortado. Não havia ainda imprensa esportiva atuante, que busca todas as informações possíveis. Surgiu, à época, apenas o boato de que uma loira teria sido o motivo da dispensa.

Tempo depois, José Nasazzi, capitão da Celeste em 1930, lembrou o ocorrido em uma entrevista: “O momento mais triste para nós foi

tirarem do elenco Andrés Mazali. Foi o goleiro em Paris e Amsterdã, mas era muito mulherengo e uma noite fugiu da concentração para encontrar uma loira. Foi expulso e não havia defesa para ele. Todos sentimos pena, mas a punição imposta foi irreduzível”.

Andrés Mazali foi embora e nunca mais voltou para a Seleção Uruguaia. Faleceu em 30 de outubro de 1975, aos 73 anos.

O craque e a fera

Didi foi um dos maiores jogadores de futebol em todos os tempos. Ao jogar no Fluminense e no Botafogo se tornou conhecido em todo o Brasil e disputou três Copas do Mundo, em 1954, 1958 e 1962. Bicampeão mundial, um título Roberto Gomes de Pedrosa, quatro estaduais e um da Liga dos Campeões da Europa, esta última pelo Real Madrid.

Como treinador o sucesso continuou: levou o Peru ao Mundial de 1970 e obteve sucesso no comando de Sporting Cristal, no Peru, River Plate, na Argentina, Fenerbahçe, na Turquia, e, no Brasil, no Cruzeiro e em seus ex-clubes Botafogo e Fluminense. Seus feitos no futebol são enormes.

O craque, inventor da “folha seca” e apelidado de “Príncipe Etíope” pela elegância em campo, tem também outra marca na carreira: ele foi marido da Guiomar.

Provavelmente Guiomar foi a mulher mais famosa do futebol brasileiro. Houve Elza Soares, é verdade, mas Guiomar era muito mais que apenas a esposa de Didi. Seu poder de persuasão era tanto que ela era capaz de criar problemas para a própria Seleção Brasileira.

Em 1954, por exemplo, ela foi proibida pela Confederação Brasileira de Desportos de visitar a concentração do time. Ficou indignada, assim como seu marido, que, como forma de protesto, entrou em greve de fome. Foi uma greve “mais ou menos”, já que Nilton Santos tratou de explicar ao seu companheiro como as coisas deveriam funcionar: “Você está aqui para treinar e jogar, conseqüentemente, queimar carvão. Se você não se alimentar, não vai aguentar. Apoio você, não conto a ninguém, mas vou começar a roubar comida no restaurante e trazer para você”, contou depois ao mundo o maior lateral esquerdo de todos os tempos.

Guiomar era uma cantora de certa fama quando conheceu Didi.

Trabalhava na televisão, no programa de Ary Barroso. Suas curvas encantavam todos, incluindo Ary Barroso, que, após a união dela com o jogador de futebol, compôs o samba *Risque*, pedindo que ela o excluísse de seu caderno de contatos.

A canção começa com os seguintes versos: “*Risque meu nome do seu caderno/ Pois não suporto o inferno/ Do nosso amor fracassado/ Deixe que eu siga novos caminhos/ Em busca de outros carinhos*”.

Didi deixou a esposa Maria Luiza Negrinhão e os filhos para se casar com a encantadora Guiomar, em 1951, que seguiu “causando” na seleção. Em um treino na preparação para a Copa do Mundo de 1958, em pleno Maracanã, o meia perdeu a aliança. Parou toda a atividade e fez com que todos o ajudassem na busca da joia. “Ninguém se mexe! A Guiomar vai ficar uma fera!”, teria ele gritado. Pediu que os holofotes fossem acesos, mas nada da aliança... Sua foto, de quatro no gramado, saiu nos jornais. Guiomar se comoveu com a dedicação e a preocupação de Didi e não ficou brava, apenas disse que compraria outra aliança mais bonita.

No Mundial da Suécia, as mulheres dos jogadores foram proibidas de ir à concentração. “Só um cego de nascença não via que se tratava de separar Didi de Guiomar”, disse Nelson Rodrigues à época.

A apaixonada e viciante relação entre os dois gerou também diversas histórias para a eternidade do futebol. João Saldanha conta que, em uma excursão do Botafogo ao México, Didi foi visitar a atriz local Ninon Sevilla. Na volta ao Rio de Janeiro, Guiomar estava no aeroporto esperando pelo marido, que foi levado pela porta dos fundos – cheio de presentes para tentar acalmar a fera em casa.

Há também toda a problemática passagem de Didi pelo Real Madrid. As acusações sobre Alfredo di Stéfano são as mais conhecidas do público brasileiro. Afinal, alegava-se que o argentino não tocava a bola para o brasileiro.

Canário, ex-América-RJ e companheiro dos dois, conta que a esposa atrapalhou bastante. “A Guiomar se metia em tudo. Naquele tempo, tinha

a ditadura franquista, não se podia dizer algumas coisas e ela falava demais. Ainda controlava o Didi. Ele ia do futebol para casa e não se relacionava com os outros.” Didi nunca culpou sua mulher, e seu talento apareceu nos gramados europeus por apenas uma temporada, em 1959-1960.

Didi faleceu em 21 de maio de 2001, no Rio de Janeiro. Pouco mais de um mês depois, Guiomar também se foi.